

Notícia de algumas estações romanas e arabes do Algarve

3. Antiquidades do concelho de Lagos

(Continuação de pag. 296)

Explorando as manchas negras do solo, um dos factos que mais nos impressionaram foi a presença de pregos em muitas d'ellas. Em uma sepultura da necropole por inhumação de Ferrestello, sepultura feita de telha romana, que foi transportada para o Museu Municipal da Figueira, tínhamos encontrado um pequeno prego de ferro. Em uma das sepulturas de Marim, como dissemos, também recolhemos nove pregos de ferro. Agora temos abundancia dos mesmos objectos em sepulturas por incineração!

Será facil explicar isto pelo facto de alguns cadaveres serem inhumados ou incinerados em esquifes feitos de madeira, como era uso entre os ricos¹. Mas um só prego, como em Ferrestello, não era bastante para um esquife; e os pregos de ferro de Marim e da Fonte-Velha são de taes dimensões que indicam madeiras de grande espessura pouco proprias para semelhante fim. Entretanto, encontrando-se pregos semelhantes nas sepulturas por inhumação de Poitiers, foram attribuidos a esquifes. «Presque dans toutes, diz o relatorio das explorações, on trouve des clous, souvent fort longs. Il est donc à croire que l'on inhumait les morts dans des cercueils, lorsque les ressources de la famille le permettaient». Referindo-se ás sepulturas por incineração, explica o facto de outro modo. «Dans toutes les sépultures on rencontre des clous calcinés; faut-il en induire qu'on brûlait les morts dans des cercueils fermés? L'existence des plates-formes (nas bordas das sepulturas) dont nous venons de parler nous a donné l'idée qu'ils pourraient avoir été brûlés sur un plancher, probablement à claire-voie, assemblé au moyen de ces clous qui sont ordinairement fort longs».

É certo, porém, que a Fonte-Velha fornece, pelo menos, um exemplo manifesto de o morto ter sido incinerado em ataúde de madeira. Numa das sepulturas nós recolhemos os pregos, fechos, uma argola e outras peças, tudo de bronze, do esquife. Os pregos teem a cabeça conica e alguns as pontas dobradas a 0^m,20 das cabeças, indicando que haviam excedido a espessura da madeira.

¹ *La vie antique*, Rome, pag. 491, 492-494.

Para fazer-se ideia das peças metálicas que se applicavam em taes casos, damos o desenho de todos esses bronzes, taes como se acham expostos no Museu Municipal da Figueira. (Fig. 1).

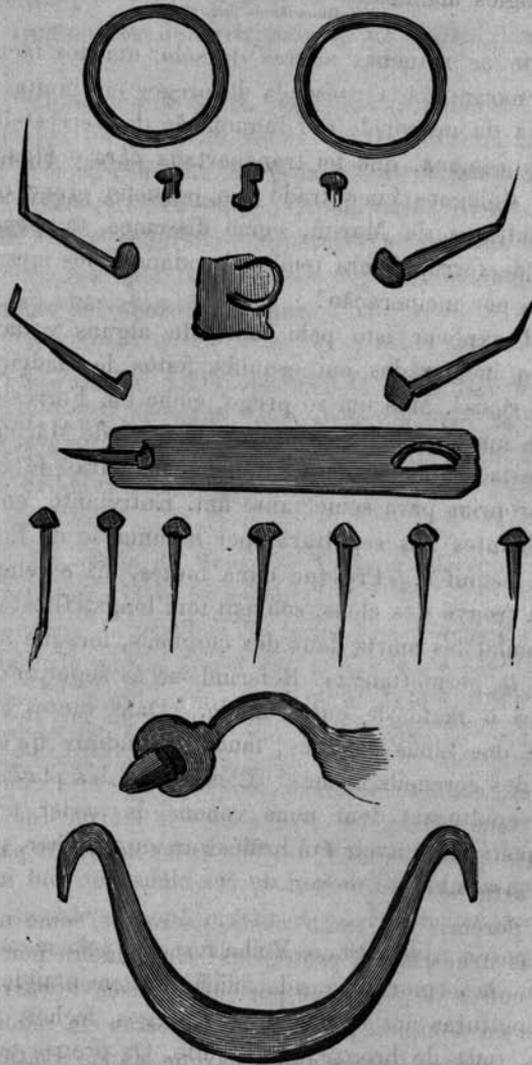


Fig. 1

Sem dúvida faltam muitas, principalmente aquellas em que entravam as lingoetas dos fechos, e as que ligavam a argola; e de algumas das desenhadas não se conhece bem o destino, como são os

pequenos anneis; mas em todo o caso alguma restauração póde tentar-se só com os objectos existentes e de uso conhecido. Foi provavelmente a fusão que destruiu as outras; porque nós recolhemos restos de metal completamente fundido, e até um fragmento de fecho apresenta vestigios manifestos de fusão.

*

As urnas, como dissemos, estavam enterradas. Auctores de primeira ordem, como Guhl e Koner, formularam a seguinte pergunta: «Dans quel endroit conservait-on l'urne funéraire, si la famille n'avait point de sépulture commune?»

A resposta é dada, em Portugal, pela necropole que estudamos, como já o fôra em Italia pela necropole de Pompeia, fóra da Porta de Nola, e em França pela necropole de Poitiers:— a urna era enterrada em um terreno publico, destinado para esse fim.

Geralmente estavam a 0^m,30, pouco mais ou menos, de profundidade; mas algumas encontraram-se a 0^m,15 e a 0^m,44 e até a 0^m,60. Essa pequena profundidade foi sem duvida causa de se destruirem, no amanho da terra, muitas urnas, de que só recolhemos poucos fragmentos; e um factio semelhante explicará talvez a raridade das necropoles romanas por incineração em várias regiões de Portugal.

Em circumstancias analogas se encontraram as urnas na necropole de Poitiers. «La couche de terre, diz o relatorio das explorações, très peu épaisse à l'endroit où nous avons fait nos recherches, n'atteint par endroits que 0^m,40 ou 0^m,50; les vases étaient donc tout près du sol et, malheureusement par suite de cette circonstance, ils sont presque tous brisés, les fragments ont été plus ou moins disséminés, éloignés probablement de leur point de dépôt par la charrue qui les avait arrachés».

É certo, porém, que tanto nesta necropole como na da Fonte-Velha algumas urnas foram protegidas: na primeira por uma especie de caixas ou cofres de pedra, ou por outros vasos de barro de maiores dimensões; e na segunda por pedras dispostas em redor e por cima de cada urna. Advertiremos tambem que na de Poitiers as cinzas que jaziam, não em urnas, mas no fundo dos fossos abertos na rocha viva, eram ás vezes protegidas por telhas ou tijolos dispostos em fórma de tecto triangular, ou por uma especie de caixa feita com cinco tijolos, no meio da fossa, onde se ajuntavam os restos da cremação; caixa que se cercava de pedras.

As urnas que pudemos restaurar apresentam todas a mesma fôrma, que se acha reproduzida na fig. 2; e pelos fragmentos das não restauradas parece-nos que estas deviam ter fôrma semelhante. É a das nossas panellas de barro, mas sem asas, se exceptuarmos um exemplar, nos fragmentos do qual notámos vestígios de uma asa.

O barro é geralmente vermelho, castanho ou negro, puro em umas e cheio de grãos quartzosos em outras. Nalgumas urnas está tão decomposto e gasto, que as arestas das fracturas desapareceram, tornando impossivel qualquer restauração.



Fig. 2

Nenhuns ornatos nestes vasos. O ornato só apparece em outros vasos que se achavam associados ás urnas, e que provalmente tinham sido desviados do seu destino primitivo para serem applicados a usos funerarios.

Uma das maiores urnas restauradas mede na altura 0^m,23, no maior diametro do bojo 0^m,22, e no diametro da bocca 0^m,155. A mais pequena, que está incompleta, mede na altura 0^m,135, no maior diametro do bojo 0^m,16, e no diametro da bocca 0^m,11.

Não tinham tampa (*operculum*) que lhes fosse appropriada. Uma estava tapada com um fragmento de grosso vaso, e outras com pequenos vasos invertidos. A da fig. 3 tinha a bocca coberta com um vaso vermelho em fôrma de tigela, invertido, pousando sobre o fundo d'este um outro vaso, tambem invertido, de barro vermelho, pertencente ao typo dos pratos *com pé*. A tigela é de barro grosseiro, já muito decomposto; mas o vaso superior é de pasta mui fina, apresentando nas superficies vestígios da cobertura lustrosa de que fallámos a proposito da ceramica de Marim. O typo d'este ultimo vaso é de origem grega: Guhl e Koner apresentam o desenho d'elle entre os vasos da Grecia¹. O primeiro mede na altura 0^m,075, e no diametro do bordo 0^m,14; e o segundo na altura, comprehendendo o pé, 0^m,36 e no diametro 0^m,16.

Os vasos com estas fôrmas não eram raros. Recolhemos bastantes fragmentos, e conseguimos restaurar mais dois exemplares do segundo typo.

¹ *La vie antique*, Grèce, pag. 208, n.º 2.

Uma variedade notavel existe nos outros productos ceramicos associados ás urnas. O typo da fig. 4 é muito commum. Dos exemplares que recolhemos, todos de barro vermelho, alguns teem a pasta grosseira e muito decomposta, e outros são de barro fino com coberta lustrosa, e teem a superficie superior do bordo guarnecida de pequenas folhas em relevo, isoladas e todas com a mesma fórma. O maior mede na altura $0^m,036$, e no diametro do bordo externo $0^m,163$; e o mais pequeno $0^m,034$ na altura e $0^m,094$ no diametro do bordo externo.



Fig. 3

O da fig. 5, de barro branco, é raro na necropole; mas Estacio da Veiga encontrou este typo em outras estações romanas do Algarve; e nós recolhemos numerosos fragmentos de vasos semelhantes e de muito maiores dimensões nos depositos de Santa Olaya.

O da fig. 6, em fórma de taça com pé, apparece em tres exemplares, todos de barro vermelho muito fino e com coberta lustrosa. É interessante o exemplar que apresentamos, restaurado em parte, por estar externamente decorado com ornatos de phantasia em relevo; e mede na altura $0^m,087$ e no diametro $0^m,17$. Os outros exemplares são muito mais pequenos, e não teem ornato algum.



Fig. 6

O vaso da fig. 7, de barro pardo e grosseiro, não tem similar nos restos que colligimos. Mede na altura 0^m,08 e no diametro do bordo externo da bocca 0^m,078.

Outras fórmas parecem ainda ser indicadas em fragmentos de pequenos vasos; mas a restauração d'estes foi impossivel, e por isso nos abstemos de as especificar. Alem dos vasos de barro encontrámos junto ás urnas numerosos fragmentos de vasos de vidro. Nós conseguimos, com extraordinario trabalho, restaurar alguns que nos parecem muito interessantes, e que convem assignalar aos leitores d-O *Archeologo*.



Fig. 4



Fig. 5

Seja o primeiro um de côr esverdeada, com a fórmula de gomil, recordando perfeitamente a *oinochóé* dos gregos. Tem collo elevado e asa, e mede na altura 0^m,15 aproximadamente.

Ha dois copos grandes, que recordam as fórmulas de alguns dos nossos copos da actualidade. Um de vidro mui fino e diaphano, tem o typo campaniforme, e mede na altura 0^m,093; e outro, de vidro esverdeado e com algumas faxas esmeriladas, devia ter pé, e pertence ao typo que Guhl e Koner representam na fig. 207 da sua obra sobre a vida romana¹. A altura do corpo d'este segundo vaso é de 0^m,10.

¹ Rome, pag. 241.

Outro vaso com ornatos em relevo recorda o typo do *aryballos* dos gregos, que Guhl e Koner representam na sua obra sobre a vida grega, figs. 237 a 277, n.º 36¹, com a differença de o nosso exemplar ter a bocca e collo mais largos. Mede na altura 0^m,08.

Pertence ao mesmo typo, mas sem asa, um vaso de vidro tão delgado como uma folha de papel, de que não foi possível restaurar senão a parte superior. Distingue-se esta peça por ter o collo mais elevado, e ser bojuda.

São também notaveis os restos de uma taça ondulada com fundo de prato, guarnecida de faxas esmeriladas.

Alem d'estes vasos recolhemos alguns que pertencem á classe dos frascos. O mais importante é uma elegante garrafinha de vidro amarello, de collo alto e estreito e com o bojo em fórma de taça.



Fig. 7

Mede na altura 0^m,165. Outra garrafinha, de vidro esverdeado, é mais grosseira na fórma, posto que tenha collo elevado, não só por este ser demasiadamente largo, mas porque o bojo vae augmentando do diametro para a base, e não tem pé. Os restantes são pequeninos vasos que pertencem indubitavelmente ao typo do *alábastron* dos gregos, mas tendo o gargalo bastante desenvolvido. Os bojos são semelhantes aos dos n.ºs 35 e 37, figs. 237 a 277 da obra de Guhl e Koner². Alguns d'estes vasos estão deformados pela fusão.

Notaremos por ultimo os restos de um vaso depolido e com ornatos em relevo, indicando o typo da *oinochóe*.

¹ *La Grèce*, pag. 208.

² *La Grèce*, pag. 208.

Alguns dos vasos de barro e de vidro eram destinados ás libações, taes como a *oinochóe*, as taças, os copos e outros vasos de bocca larga; e as garrafinhas e o *alábastron* eram destinados aos perfumes. Vasos com estas applicações se encontram frequentemente nas sepulturas romanas, como afirmam Guhl e Koner.

Pensou-se durante muito tempo que o *alábastron* era destinado a receber as lagrimas dos parentes do morto, e ainda hoje alguns archeologos o denominam *lacrymatorio*; mas Rich, fundado nos autores antigos, o comprehende no typo *unguentarium*, ou vaso de perfumes, como era entre os gregos, e muitos escriptores abalisados seguem a mesma opinião. Se esse vaso fosse destinado a conservar as lagrimas dos parentes do morto, devia naturalmente estar tapado e não ser lançado na pyra, como aconteceu aos exemplares que nós encontrámos deformados pela fusão.

O uso dos perfumes nas cerimoniaes funebres era geralmente espalhado entre os romanos. Os cadaveres eram perfumados, como indica a insignia de um *mycopolium* ou *mycolium*, loja de perfumes, encontrada em Pompeia¹; e depois da cremação, as cinzas tambem recebiam substancias aromaticas. Breton cita estes versos de um antigo poeta:

.....Sed cenam funeris heres
Negliget iratus, si rem curtaveris; urnae
Ossa inodora dabit.

«O teu herdeiro, furioso de ver os bens diminuidos, desprezará o festim do teu funeral, e encerrará na urna os teus ossos sem perfumes²».

O fogo não atacou sómente alguns dos vasos de vidro que estavam fóra das urnas: dois vasos de barro soffreram tambem a sua acção destruidora, e d'elles não encontrámos uma grande parte dos fragmentos. Isto significa, a nosso ver, que taes objectos não foram collocados inteiros nas sepulturas.

Factos semelhantes foram observados na necropole de Poitiers, sendo notaveis as considerações que a seu respeito faz o relatorio da exploração.

¹ Pompeia, de E. Breton, pag. 331; Lagrèze, *ob. cit.*, pag. 82.

² *Ob. cit.*, pag. 96, nota 1.

«Quelques fois, diz elle, sous le conduit il y a des débris de vases en terre et en verre. Dans certaines tombes il y a des très nombreux débris, mais, chose remarquable, il est certain pour nous que les vases auxquels ils appartiennent n'ont pas toujours été placés entiers dans la fosse.

Ils nous paraît possible de distinguer en trois catégories les vases dont nous avons trouvé des traces :

1^o Des vases placés entiers autour du bûcher, souvent brisés pendant la combustion, les uns tombés par fragments dans le brasier et fondus ou brûlés; les autres restés sur le bord, mais ramenés ensuite sur les cendres, avec plus ou moins précaution.

2^o Des vases brisés en dehors du bûcher dans quelque cérémonie de funérailles, et dont on aurait jeté quelques débris dans les cendres, déjà éteintes ou près de l'être.

3^o Des vases placés après coup dans la fosse pour contenir quelques ossements recueillis.

Ajoutons que, dans presque toutes les tombes, on rencontre des débris de fioles de verre à long goulot et à panse aplatie; cette fréquence donne à penser que c'étaient des fioles renfermant des parfums dont on arrosait les cendres ou les bûchers encore en activité, et que l'on y jetait ensuite».

*

Alem dos vasos recolhemos fóra das urnas uma ponta de lança (*cuspis*) quasi inteira, dois fragmentos de outra que foi manifestamente partida, restos de uma terceira, muito deteriorados pela oxidação, que parece pertencer ao *spiculum* de que fallam Guhl e Koner, e de outra arma que parece ter sido uma espada, toda de ferro, assim como alguns fragmentos de placas do mesmo metal.

A arma partida indica uma cerimonia dos funeraes. Estacio da Veiga menciona armas de ferro torcidas, provenientes de Alcacer-do-Sal, que attribue a epocha muito anterior á romana, e ainda outras provenientes de Hespanha; e cita a opinião do sr. Worsaae á cêrca de semelhante uso¹. *O Archeologo* em o n.º 3, referindo-se a essas armas de Alcacer, tambem explica o seu estado por um rito funerario anterior aos romanos.

Mas, se algumas dúvidas offerecem esses objectos pre-romanos, o nosso exemplar parece-nos decisivo quanto á epocha romana. Os ves-

¹ *Antiquidades Monumentaes do Algarve*, iv, pag. 268 e segs.

tigios da fractura são manifestos, e os fragmentos foram recolhidos em um dos depositos funerarios da necropole, no meio de carvões e cinzas vegetaes.

*

A pasta cineraria contida na primeira urna que escolhemos, foi transportada para a nossa residencia de Faro, e ahi minuciosamente examinada. Esta urna estava soterrada a grande profundidade, metida entre pedras, sem indicios de carvões e cinzas no terreno que a envolvia; e, apesar de fendida, poude ser retirada com todos os fragmentos adherentes á pasta interna. Não havia nella o menor vestigio de remeximento.

Submettendo ao calor do fogo uma pequena porção da pasta, tomou o aspecto e a dureza da argilla secca, de côr vermelha. Era manifesto que as aguas, introduzindo-se pelas fendas da urna e dos vasos que serviam da *operculum*, haviam levado em dissolução, e misturado nas cinzas, particulas argilosas do terreno circumdante.

O resto da pasta, conservando muita humidade, apresentava um contacto oleoso, e exhalava um ligeiro perfume. Estes dois factos causaram-nos tal surpresa que, duvidando dos nossos sentidos, fizemos com que mais tres pessoas os verificassem; e todos reconheceram que não nos illudiamos. A analyse chimica, feita pelo sr. Sotero Simões de Oliveira, confirmou o facto da existencia de uma substancia oleosa. No seu relatorio aquelle cavalheiro exprime-se nestes termos: «Verifiquei estar a massa impregnada de oleo, de que não poude determinar a qualidade».

Alem de terra, cinzas e ossos calcinados, só encontrámos em algumas urnas os objectos que vamos indicar.

O mais importante devia ser uma moeda de bronze, que conservamos no Museu Municipal da Figueira: mas infelizmente a oxydação destruiu por completo os vestigios do cunho; e por isso impossivel é conhecer a epocha a que pertence.

A presença d'esta moeda representa, como é sabido, um uso muito espalhado entre os romanos, de collocar nas sepulturas o dinheiro destinado a pagar a Charonte a passagem na barca infernal. Na necropole situada fóra da Porta de Nola, em Pompeia, cada urna continha alguma d'essas moedas¹.

¹ Pompeia, pag. 115; Lagréze, *ob. cit.*, pag. 91.

Quanto á necropole de Poitiers, o relatório das explorações exprime-se nestes termos: «Les monnaies sont rares; nous en avons recueilli un petit nombre. Les sépultures incinérées n'en renferment presque jamais et dans les autres, les bronzes, sans doute promptement altérés par les chairs en décomposition, ne sont presque jamais déchiffrables».

Em uma das urnas existia uma fibula, e em outra existiam duas, todas de bronze, tendo estas ultimas ligeiros ornatos.

Uma serie de pequenos vasos de vidro, do typo *alabastron*, foi tambem colligida em diversas urnas. Alguns partiram-se no acto da exploração; mas as outras foram retiradas inteiras. Duas fórmas principaes se distinguem nestes objectos: uma é a que já indicámos; e a outra é representada por um longo collo cylindrico, terminando em baixo por um pequeno corpo de fórma conica.

*

Quanto á epocha do dominio romano a que pertence esta necropole, nada podemos dizer. Se as semelhanças com a de Poitiers indicassem seguramente a mesma epocha, teriamos de attribui-la aos seculos II e III da era christã¹. Mas essas semelhanças não são, a nosso ver, uma forte razão de decidir, porque muitos usos romanos foram conservados em diversas epochas. Bastará notar que a necropole de Pompeia, a que nos referimos, tambem analoga á da Fonte Velha, pertence ao seculo I antes de Christo e ao seculo I da era christã.

(Continúa.)

A. DOS SANTOS ROCHA.

Inscrição de Villarandello

(Vide *O Archeologo Português*, I, 118)

No artigo «Inscrição romana de Villarandello» (vide o n.º 5, pag. 118), linha 8.^a, onde se lê *Torre de D. Chama* deve ler-se *Torre de Moncorvo*.

J. L. DE V.

¹ Sobre o que temos dito á cêrca da necropole gallo-romana veja-se o *Catálogo do Museu de Cluny*, pag. 638 e segs.